

FIM  
ENDE



Guardas  
Sobrecasaca  
– subtraíam a  
roupa dos  
detidos  
Gordo-  
comiam o  
café da  
manhã dos  
detidos  
Cartola  
irremovível –  
Menor do que  
a cabeça  
K.Vestido de  
preto –  
determinação  
dos guardas  
para a  
entrevista  
VISITA NÃO  
ANUNCIADA,  
MAS  
ESPERADA –  
UM ANO  
DEPOIS

- Na véspera do seu trigésimo primeiro aniversário — era por volta de nove da noite, a hora do silêncio nas ruas dois senhores chegaram à casa de K. de sobrecasaca, lívidos e gordos, com cartolas aparentemente irremovíveis. Depois de uma pequena formalidade na porta do prédio, para ver quem entrava primeiro, repetiu-se a mesma formalidade em dimensão maior diante da porta de K. Sem que a visita lhe tivesse sido anunciada, K. estava sentado numa cadeira perto da porta, igualmente vestido de preto, calçando lentamente luvas novas, bem ajustadas nos dedos, numa postura de quem espera convidados. Levantou-se logo e fitou-os com curiosidade.
- — Então os senhores é que me foram destinados? perguntou.
- Os senhores acenaram com a cabeça, um apontou para o outro com a cartola na mão. K. admitiu a si mesmo que havia esperado uma outra visita. Foi até a janela e olhou mais uma vez para a rua escura. Quase todas as janelas do outro lado da rua também já estavam escuras, e muitas cortinas cerradas. Numa janela iluminada do andar, crianças pequenas brincavam atrás de uma grade e, ainda incapazes de se moverem de seus lugares, apalpavam umas às outras com as mãozinhas.
- "Mandam atores velhos e subalternos me buscar", disse K. consigo mesmo e olhou em volta para se convencer disso. Procuram acabar comigo de forma barata.
- K. voltou-se de repente para eles e perguntou:

- Um ano depois, K. estava arrumado, com terno preto, à espera e, de fato, sem serem anunciados, chegam.
- Uma autoridade da organização criminosa enviara aqueles senhores, com cartolas apertadas, a indicar que haviam obtido de outros presos, como os guardas de sua prisão.
- K. esperava alguém de nível mais elevado na organização, esperava que tivessem mais consideração por ele.
- As JANELAS ESCURAS indicavam que agora não haveria a PUBLICIDADE DA PRISAO INICIAL.
- É o tribunal (organização) na clandestinidade.
- No início o tribunal tinha uma APARÊNCIA DE LEGALIDADE, agora, inversamente, seus capangas agiam nas sombras, escondidos.
- A prisão inicial pareceu e foi uma encenação; agora Kafka indica isso, o que é reforçado pela figura de atores no final.

Os guardas que efetuaram a prisão também não estavam preparados não sabiam Nada sobre a missão que cumpriam.

Eles eram executores profissionais

- Em que teatro os senhores trabalham?
- Teatro? — perguntou um dos senhores, consultando o outro com uma contorção dos cantos da boca. O outro se comportava como um mudo que luta com organismo refratário.
- "Eles não estão preparados para receber perguntas", disse K. consigo mesmo e foi buscar o chapéu.
- Já na escada, os senhores quiseram enganchar K. pelos braços, mas este disse:
  - Só na rua, não estou doente. Mas logo diante da porta do prédio, eles se engancharam em K. de um modo como ele nunca havia andado com um outro ser humano. Eles mantinham os ombros ajustados atrás dos seus, não dobravam os braços, mas os usavam para enlaçar os braços de K. em toda a sua extensão; embaixo, agarravam as mãos de K. com uma pressão escolada, adestrada e irresistível. K. andava entre os dois rigidamente esticado, agora os três formavam uma tal unidade que, se se quisesse abater um deles, todos seriam abatidos. Era uma unidade como quase só algo sem vida pode formar. Sob os postes de iluminação, K. tentou várias vezes por mais difícil que fosse realizar isso naquela estreita proximidade — ver os seus acompanhantes mais nitidamente do que tinha sido possível na penumbra de seu quarto.

- A postura de K. mudou.
- Não questionou nem pediu identidade dos homens.
- Tampouco lhes deu uma designação.
- Ora são senhores, acompanhantes etc
- Ele acusou e afirmou que eles eram farsantes.
- Em que teatro os senhores trabalham, perguntou.
- O que já demonstra que K. sabia que não eram servidores do tribunal, mas integrantes da organização, travestida de tribunal.

- "Talvez sejam tenores", pensou ao ver seus pesados queixos duplos. Ficou enjoado com a limpeza de seus rostos. Via-se ainda literalmente a mão higienizadora que havia passado pelo canto dos seus olhos, esfregado os seus lábios superiores, raspado as dobras dos seus queixos.
- Assim que o percebeu, K. ficou parado, e em consequência os outros também pararam. **Estavam à beira de uma praça livre, vazia, ornamentada de jardins.**
  - Por que me mandaram justamente os senhores! bradou mais do que perguntou.
- Os senhores, ao que parece, não sabiam a resposta; esperaram com os braços pendentes, soltos, como enfermeiros quando o doente quer descansar.
  - Não vou continuar andando — disse K., **para experimentar.**
- A isso os senhores não precisavam responder, bastava que não afrouxassem a pressão e tentassem levantar K. do lugar, mas K. resistia. **"Não vou ter necessidade de muito mais energia, empregarei agora toda a que tenho"**, pensou. Ocorria-lhe a imagem de moscas que rebentam as perninhas ao tentarem se livrar do pega-moscas. "Esses senhores terão um trabalho pesado."

Indica  
que já  
sabia  
que o  
destino  
era a  
morte.

A visão de F.B.- advertência do sacerdote por ter procurado ajuda de **estranhos** - entre as mulheres. **Último lampejo** confirma que sabia que ia morrer **Mahnung** Cobrança, intimação para pagar K. Não cedeu **AMBIÇÃO**

- Nesse momento, emergiu diante deles, na praça, por uma pequena escada, vinda de uma rua situada em nível mais baixo, a senhorita Bürstner. Não havia plena certeza se era ela, sem dúvida a semelhança era muito grande. K., porém, não estava nada interessado em saber se era de fato a senhorita Bürstner, apenas a **irrelevância da sua resistência** veio logo à sua consciência. Não era nada heroico se ele resistia, se ele agora criava dificuldades aos senhores, se ele agora tentava, em atitude de defesa, desfrutar ainda o último lampejo de vida. Pôs-se em movimento e algo da alegria que com isso causou aos senhores ainda se transmitiu a ele. Eles agora toleravam que K. definisse o caminho, e ele o fazia seguindo o caminho que a senhorita tomava à sua frente, não porque quisesse alcançá-la, nem porque quisesse vê-la o mais longamente possível, mas só para não esquecer a advertência (*Mahnung*) que ela significava para ele.
- "A única coisa que posso fazer agora", disse para si mesmo, e a regularidade de seus passos e dos passos dos outros dois confirmava seus pensamentos," **a única coisa que posso fazer agora é conservar até o fim um discernimento tranquilo**. Eu sempre quis abarcar o mundo com as pernas, e além do mais com um objetivo reprovável. Isso não estava certo. Devo então demonstrar que nem sequer o processo de um ano me serviu de lição?

Ser de compreensão lenta.

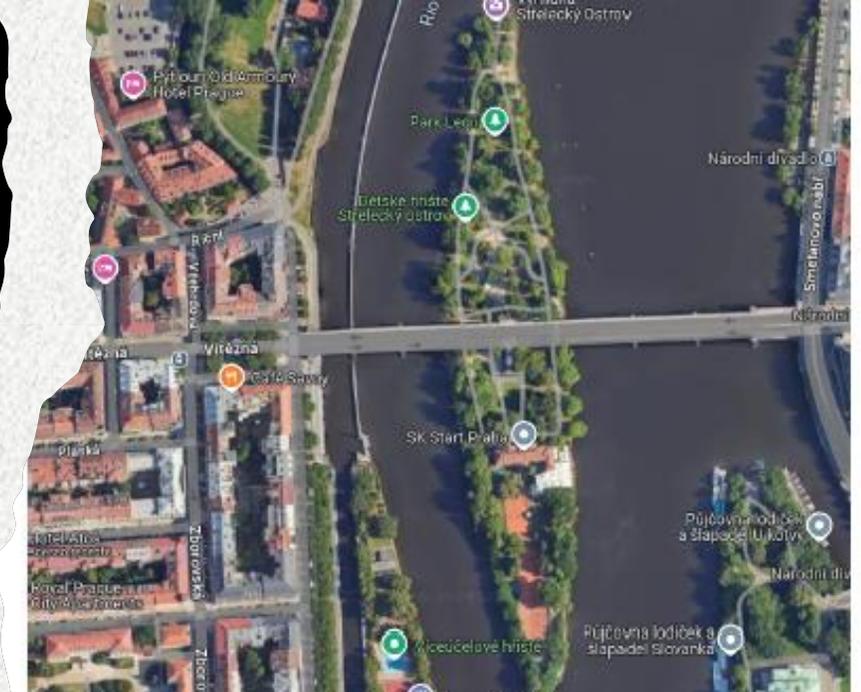
Reiniciar o processo – é ter um julgamento JUSTO.

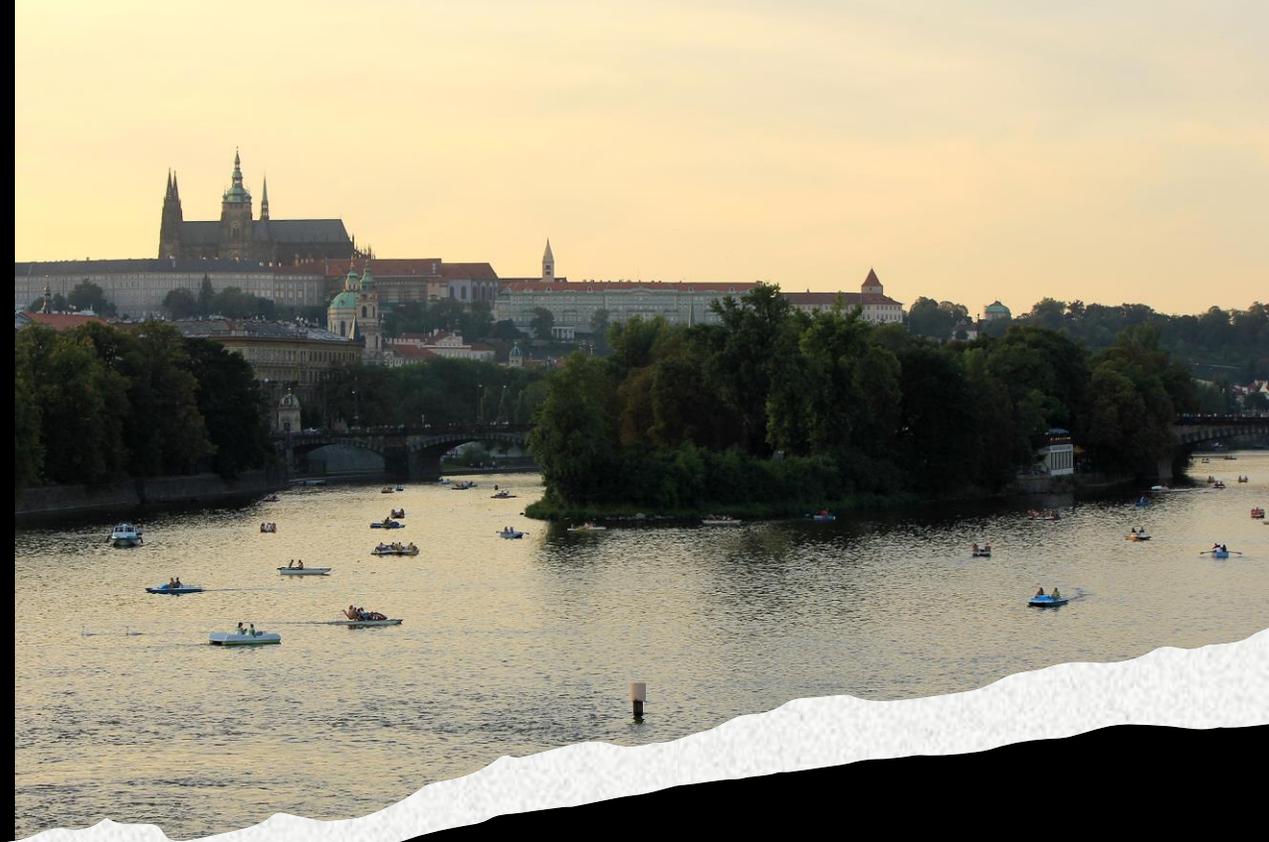
- Devo acabar como um homem obtuso (*begriffstutzig*)? Será que podem dizer de mim que no início do processo eu quis terminá-lo e agora, no seu fim, quero reiniciá-lo? Não quero que digam isso. Sou grato por terem me dado como acompanhantes estes senhores semimudos, que não entendem nada, e pelo fato de terem deixado para mim a incumbência de dizer a mim mesmo o que é necessário." Nesse ínterim, a senhorita **dobrou uma rua lateral**, mas K. já podia dispensá-la e entregou-se aos seus acompanhantes. Os três então, de pleno acordo, **passaram por uma ponte à luz do luar**; a cada pequeno movimento que K. fazia, os senhores agora cediam solícitamente; quando ele **se voltou um pouco para o parapeito**, eles também se voltaram para lá, formando uma frente. **A água brilhante e trêmula ao luar repartia-se em torno de uma pequena ilha, sobre a qual, como que comprimidas, se amontoavam massas de folhagem de árvores e arbustos. No meio delas, naquele momento invisíveis, corriam caminhos de cascalho, com bancos cômodos**, nos quais K. em mais de um verão havia se esticado.
- — Eu não queria de modo algum ficar parado — disse aos seus acompanhantes, envergonhado com a solícitude de ambos. Um deles parecia fazer uma suave censura ao outro pelas costas de K. por causa da parada equivocada e depois foram em frente.

Será que podem dizer de mim que no início do processo eu quis terminá-lo e agora, no seu fim, quero reiniciá-lo?

- Um ano antes queria encerrar tudo e voltar à sua vida normal.
- Querer reiniciar o processo indica que ele não atendeu aos fins a que se destinava.
- Necessário um novo processo, respeitando os direitos e garantias, mas K. não teve forças para enfrentar a organização e denunciar as ilegalidades e abusos.
- A descrição do caminho, com uma ilha no meio do rio, demonstra que estavam rumo ao Petrin, a pedreira localizada nos arredores da cidade e local de execução

- Os três então, de pleno acordo, passaram por uma ponte à luz do luar; a cada pequeno movimento que K. fazia, os senhores agora cediam solicitamente; quando ele se voltou um pouco para o parapeito, eles também se voltaram para lá, formando uma frente. A água brilhante e trêmula ao luar repartia-se em torno de uma pequena ilha, sobre a qual, como que comprimidas, se amontoavam massas de folhagem de árvores e arbustos. No meio delas, naquele momento invisíveis, corriam caminhos de cascalho, com bancos cômodos, nos quais K. em mais de um verão havia se esticado.





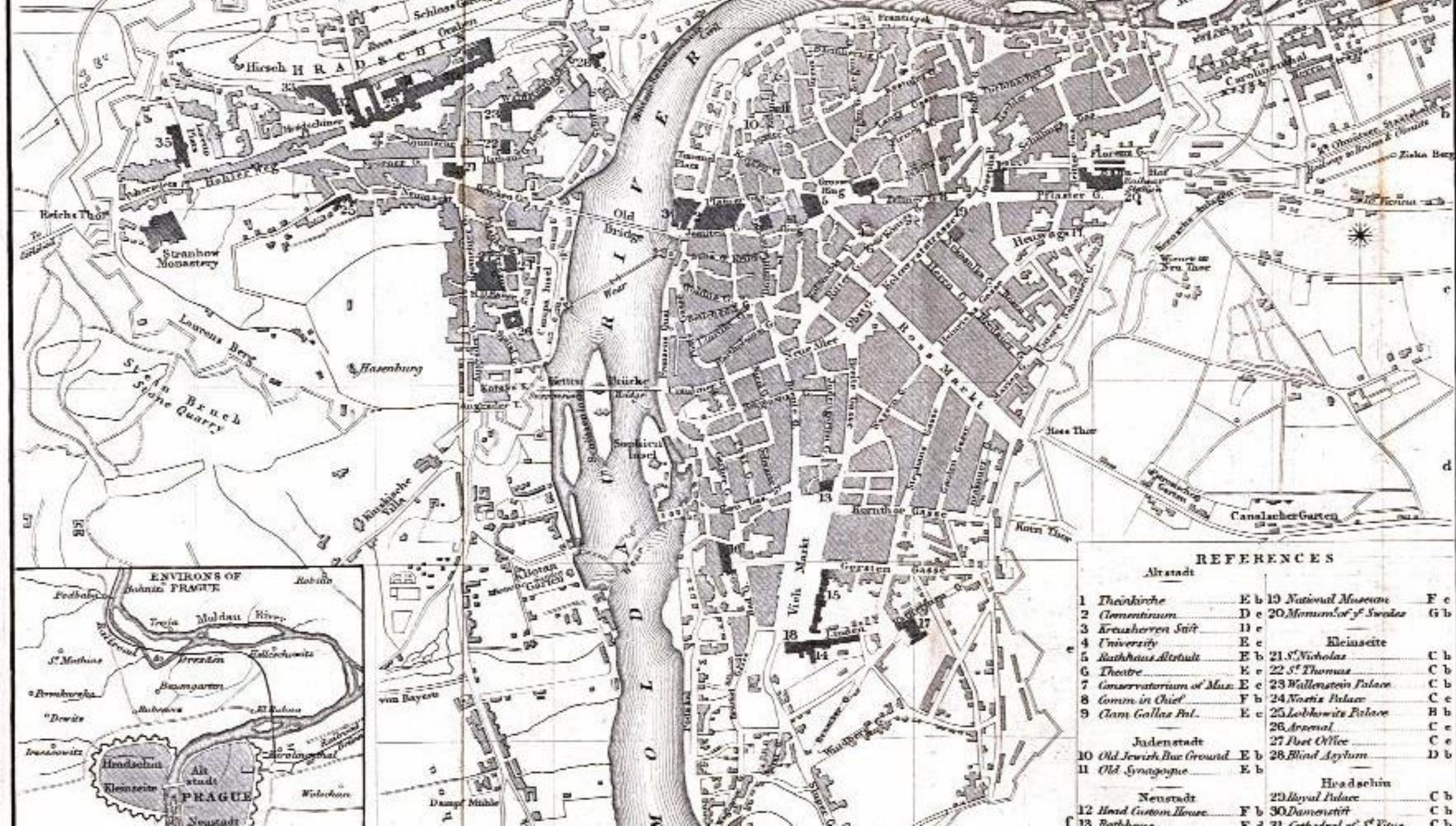
Střelecký Island  
(Střelecký ostrov)

Indica que o processo não seguiu um curso normal da lei; que a atuação dos homens não era DENTRO DAS LEIS DE UM ESTADO DE DIREITO

Pedreira contígua à cidade

- **Passaram por algumas ruas em aclave**, nas quais aqui e ali se postavam ou **caminhavam policiais**, ora à distância, ora bem perto. Um deles, de espesso bigode, a **mão no punho do sabre**, aproximou-se como que intencionalmente do grupo não de todo insuspeito. **[passagem riscada ... - O Estado me oferece sua ajuda – cochichou K. no ouvido de um dos senhores. – O que aconteceria se eu deslocasse o processo para o âmbito das leis do Estado? Poderia chegar a um ponto em que eu precisasse defender estes senhores contra o Estado!]** Os senhores estacaram; o policial já parecia abrir a boca quando K. puxou os senhores para a frente com força. Repetidas vezes, voltou-se cuidadosamente, para ver se o policial não os seguia; mas **quando uma esquina** os separava do policial, K. começou a correr, e os senhores, apesar de sua grande falta de fôlego, também tiveram de correr.
- **Foi assim que saíram rápido da cidade**, que naquela direção emendava, quase sem transição, com os campos. Havia uma **pequena pedreira abandonada** e erma perto de uma casa ainda **bem urbana**. Aqui os senhores pararam, fosse porque aquele lugar desde o início tinha sido seu objetivo, fosse porque estavam exaustos demais para ainda continuarem correndo.

- No trecho riscado do original vemos que se coloca o policial em contraposição ao grupo suspeito, demonstrando de forma clara que a atuação deles é ilegal.
- Kafka retira essa passagem pois indica que o processo não era válido e que se fosse instaurado um processo para investigar a atuação das autoridades que funcionaram em seu processo, teria que defender aqueles senhores.
- Cabe lembrar que tentou também interceder pelos guardas no capítulo do espancador, porque sempre acreditou que a responsabilidade era dos superiores e não dos subalternos.
- Na narrativa de Kafka, mesmo subalternos corruptos não deixaram de ser pobres, ou seja, eram usados pela organização.



REFERENCES

Altstadt				
1	Theaterkirche	E b	19 National Museum	F c
2	Clementinum	D c	20 Monument of Sweden	G b
3	Kreschovska Str.	D c		
4	University	E c	Hradschin	
5	Bathhaus Str.	E b	21 St. Nicholas	C b
6	Theatre	E c	22 St. Thomas	C b
7	Conservatorium of Mus.	E c	23 Wallenstein Palace	C b
8	Comm. in Chief	F b	24 North Palace	C c
9	Clam Gallas Pal.	E c	25 Lobkowitz Palace	B b
			26 Arsenal	C c
			27 Post Office	C c
			28 Blind Asylum	D b
Neustadt				
10	Old Jewish Bur. Ground	E b	29 Royal Palace	C b
11	Old Synagogue	E b	30 Dismantled	C b
12	Head Custom House	F b	31 Cathedral of St. Peter	C b
13	Bathhouse	F b		



O caminho traçado indica que estão rumo ao Petřín.

A colina conhecida como Petřín teve vários outros nomes no passado.

Primeiro foi chamado Hora (Montanha), Kopec (Monte) ou Monte São Lourenço em razão da igreja em seu topo.

O nome Petřín foi derivado da superfície montanhosa da colina.

As primeiras pedreiras iniciaram suas atividades em Petřín no **período românico**, devido às muitas rochas („*petrae*“ em latim) de onde se originou a denominação Petřín. A pedra chamada *opuka* (marga arenácea) foi usada como material de construção para um grande número de casas de Praga. Antes da *opuka* ser explorada, o Petřín era completamente coberto por árvores .

Havia uma forca perto da atual Igreja de São Lourenço no passado. Não apenas criminosos comuns foram executados aqui, mas até mesmo pessoas condenadas por motivos políticos.

Quando os representantes da dinastia Přemyslid massacraram a família Slavníkovec em Libice em 995, alguns deles foram enforcados em Petřín.

Depois da construção do *Muro da Fome* no período gótico, este local de execução foi desativado.

As execuções passaram a ocorrer atrás das fortificações da cidade ou em Šibeniční vrch (Gallows Hill).

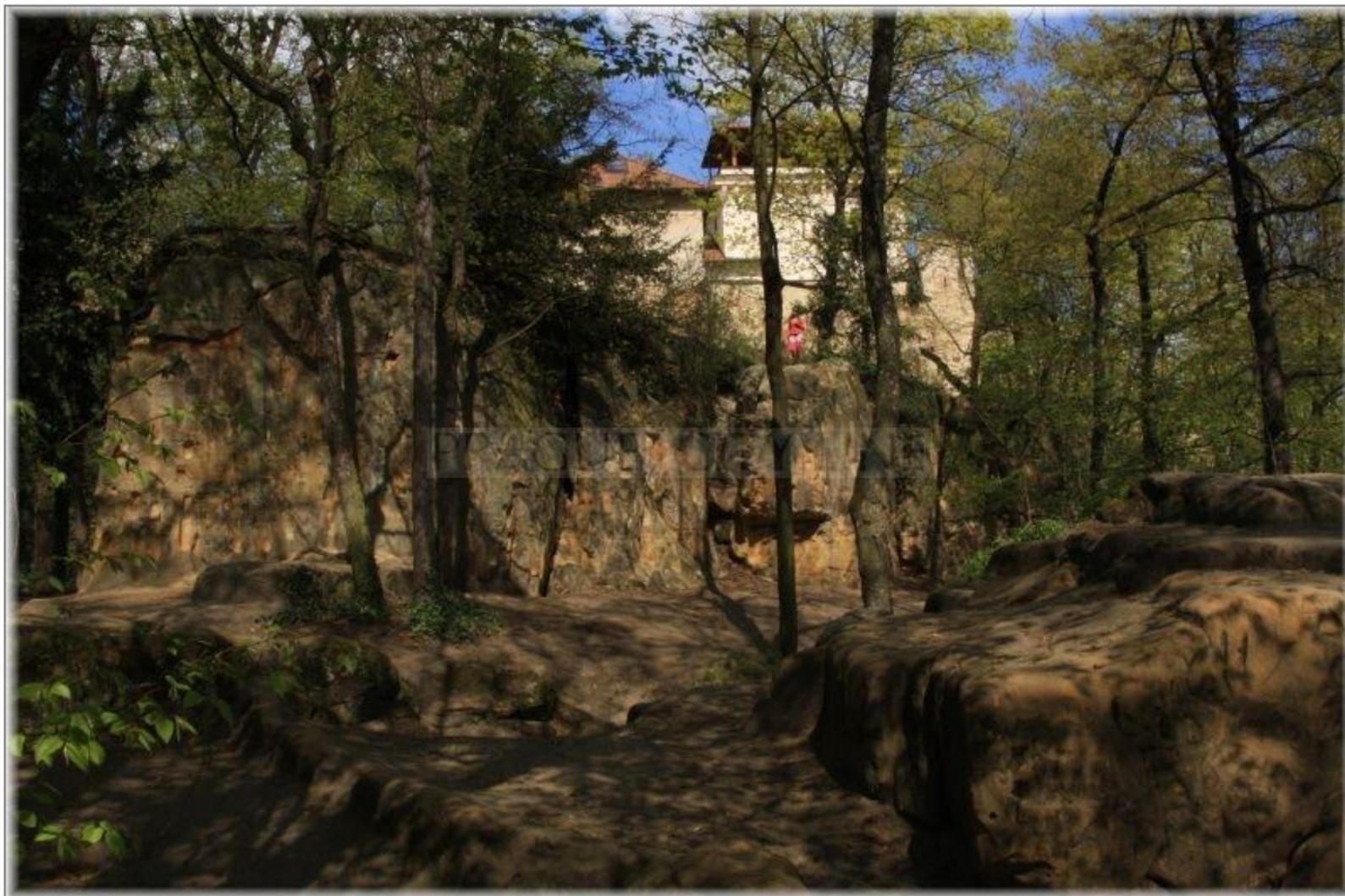


Větší rozlišení není k dispozici

PP\_Petrinske\_skalky\_Praha\_956.jpg (800 × 600 pixelů, velikost souboru: 93 KB, MIME typ: image/jpeg)



As rochas de Petřín foram declaradas monumento natural protegido em 1988. A área protegida é de 10,55 ha. As rochas de arenito aqui formam pequenas cidades de pedra, que são um local de fósseis do Mesolítico. A vegetação consiste principalmente de árvores caducifólias. Também podemos encontrar aqui, por exemplo, o cardo da praga do lobo ou o lírio-de-cabeça-dourada.



Petřín - Jardim Kinský - rochas de arenito

Figura 1 do total 1











*Уехани.com*







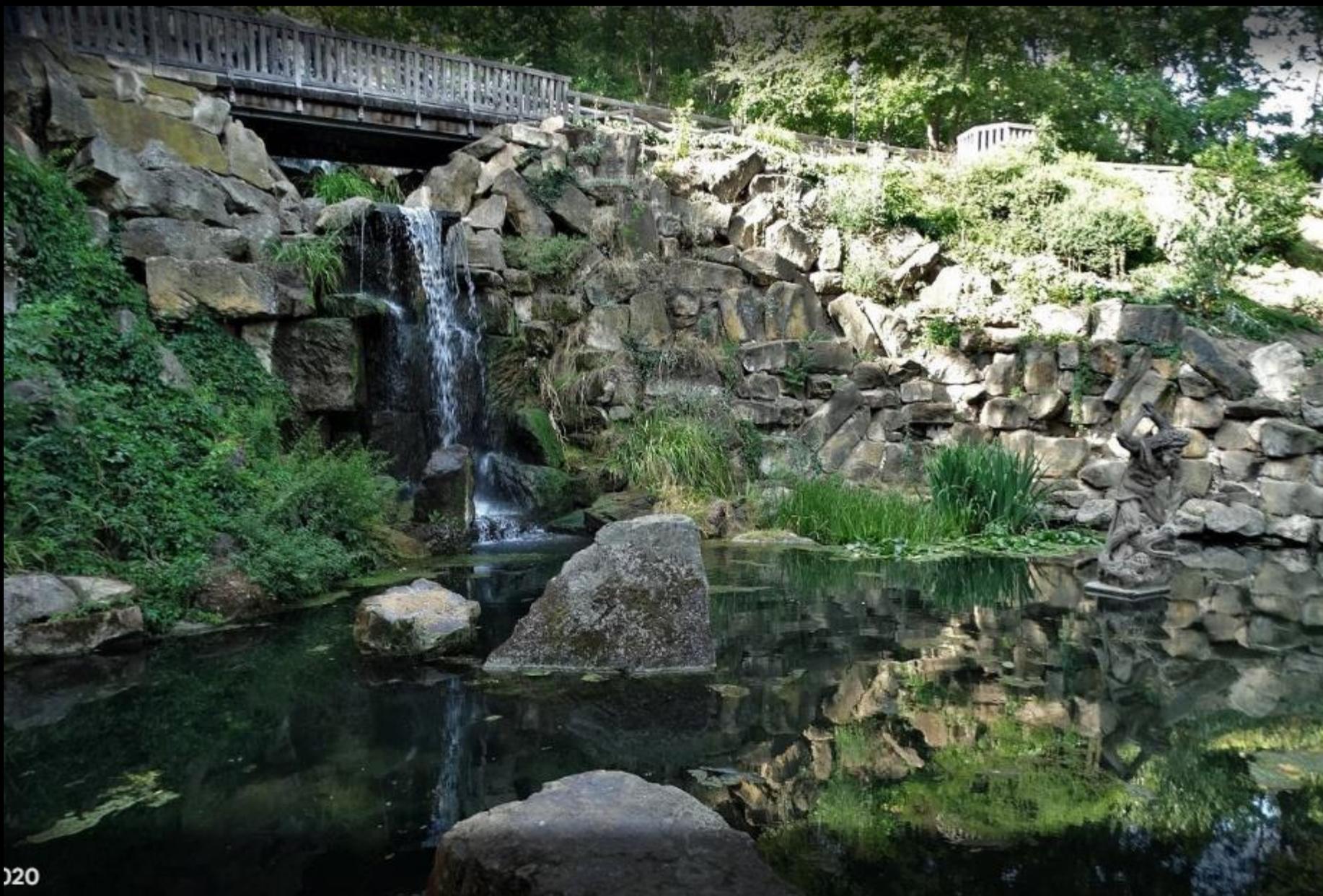






ago. de 2015  
ia • 162 contribuições







ur • dez. de 2019  
olice Tcheca • 83 contribuições

Retirar a roupa confirmou as palavras dos guardas que efetuaram a prisão de K., de locupletação ilícita pelos subalternos

- Soltaram então K., que aguardava mudo, tiraram as cartolas e, enquanto olhavam em volta na pedreira, limpavam o suor da testa com os lenços. Por toda parte o luar se espalhava com a naturalidade e a calma que não é dada a nenhuma outra luz.
- Depois da troca de algumas cortesias, para saber quem ia realizar as tarefas seguintes — os senhores pareciam ter recebido as tarefas sem divisão —, um deles foi até K. e tirou-lhe o paletó, o colete e finalmente a camisa. K. tremeu de frio involuntariamente, momento em que o senhor lhe deu um leve tapa tranquilizador nas costas. Depois dobrou cuidadosamente as roupas, como coisas que ainda se vai usar, mesmo que não fosse muito em breve. Para não o expor imóvel ao ar frio da noite, pegou K. por debaixo do braço e andou um pouco com ele, de cá para lá, enquanto o outro senhor examinava a pedreira em busca de algum lugar adequado. Quando o encontrou, fez um aceno e o outro senhor conduziu K. para lá. Era perto da parede da pedreira, havia ali uma pedra solta.

- Retirar toda a roupa de K. e dobrar cuidadosamente as roupas, como coisas que ainda se vai usar, mesmo que não fosse muito em breve indica ser o mesmo comportamento visto no primeiro capítulo
- Além disso, é de se lembrar como K se referiu às roupas dos homens na audiência: “A maioria delas estava vestida de preto, com velhos casacos de festa, pendentes ao longo do corpo, compridos e folgados. Essas roupas era a única coisa que desconcertava K; não fossem elas, ele poderia ter tomado o conjunto por uma assembleia política do distrito/ socialista - riscado”.
- Assim, as roupas, nitidamente não eram deles, sendo um indicativo que obtidas pela apropriação dos bens dos acusados, como pelos guardas, por ocasião das prisões e executores das mortes, impostas pela organização.



Faca de açougueiro não era instrumento de carrasco.

Os senhores sentaram K. no chão, inclinaram-no junto à pedra e acomodaram sua cabeça em cima. Apesar de todo o esforço que faziam, e de toda a facilidade que K. lhes oferecia, sua posição permanecia muito forçada e inverossímil. Por isso, um dos senhores pediu ao outro que o deixasse sozinho por um momento com a incumbência de acomodar K., mas nem com isso a situação melhorou. Finalmente, deixaram K. numa posição que nem mesmo era melhor do que as posições já obtidas. Então um dos senhores abriu a sobrecasaca e tirou, de uma bainha que pendia de um cinturão em torno do colete, uma faca de açougueiro comprida, fina e afiada dos dois lados, susteve-a no alto e examinou o gume na luz. Começaram outra vez as repulsivas cortesias, um passou para outro a faca por cima de K., o outro devolveu-a outra vez por cima de K. Agora K. sabia com certeza que teria sido seu dever agarrar a faca que pendia sobre ele de mão para mão e enterrá-la em seu corpo. Mas não fez isso e sim virou pescoço ainda livre e olhou em torno. Não podia satisfazer plenamente a exigência de subtrair todo o trabalho às autoridades; a responsabilidade por esta última falha era de quem lhe havia recusado o resto de energia necessária para tanto.

# O carrasco

- O carrasco de Klatovy, cidade localizada não muito distante de Praga, demonstra como se procedia quando em vigor legislação que autorizada a tortura em interrogatórios e a pena de morte na região.
- De qualquer sorte, dentre os instrumentos de metal utilizados pelo carrasco temos algemas, luvas, sapato espanhol, calibradores, das peças de madeira, se tem conhecimento de imensas pinças. A pena de morte era aplicada pela força, quando pública, posteriormente, dentro dos presídios, mas nunca com uma faca de açougueiro.

## Klatovy

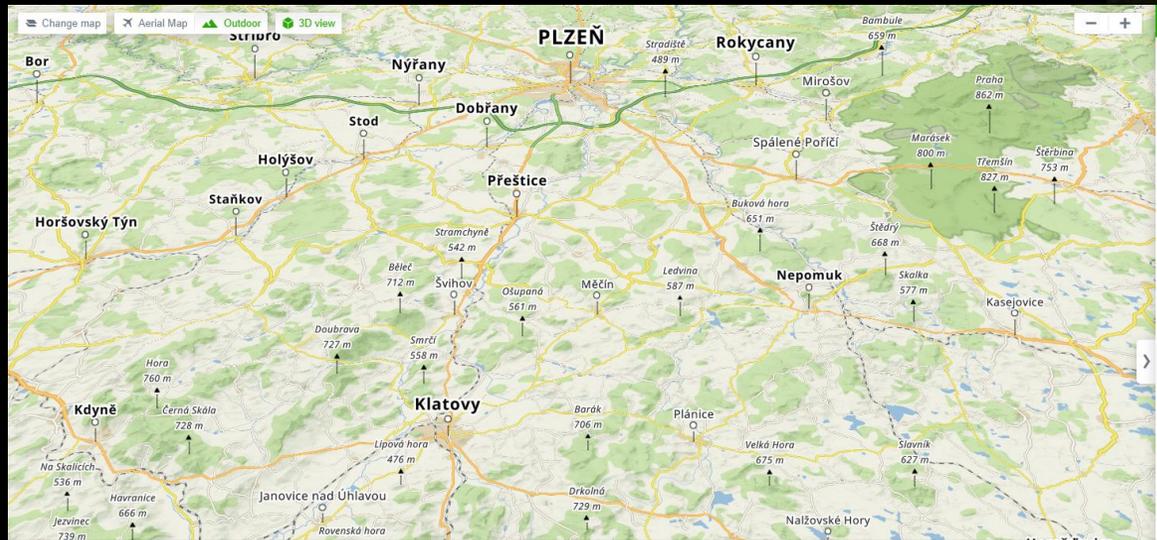
Entrevista com o arquivista do Museu de História Nacional Dr. Hostaš em Klatovy de Jan Jirák.

Poucos hoje sabem que entre os privilégios de que gozava a cidade real de Klatovy estava o direito à lei da degola e que havia até uma câmara de tortura na Torre Negra. Conversamos com o arquivista do Museu de História Nacional , sobre a punição em Klatovy até o século XVIII sobre a lei da degola e o carrasco, tendo ele esclarecido que havia um judiciário medieval em Klatovy, que fazia uso do interrogatório doloroso do acusado. Para tanto, a cidade contava também com seu carrasco, que interrogava os réus junto com seus filhos. Sabemos pelos registros que o carrasco Klatovy era um famoso profissional em seu campo. Ele era tão conhecido por seus meios coercitivos que também era utilizado pelas cidades vizinhas, que tinham direito, mas não tinham dinheiro para seu carrasco, de modo que o de Klatovy tinha um campo de atividade muito amplo.

A câmara de tortura, ou melhor, a sala onde os réus eram interrogados com a ajuda da lei do sofrimento, ficava no primeiro andar da Torre Negra na Praça da Paz em Klatovy, na parte em que a Torre Negra se fundia com a prefeitura. A entrada era pela parte da prefeitura, ou seja, a partir do foyer do salão cerimonial da prefeitura de Klatovy, onde o tribunal da cidade estava localizado à época.

O interrogatório tinha várias etapas que o mestre carrasco seguia.

Primeiro, o acusado era apresentado à câmara de tortura e cada um dos instrumentos de tortura. Era-lhe explicado o que o esperava se não confessasse imediatamente. Assim terminava a primeira etapa. A presunção de inocência naquela época estava longe de ser válida.



Também eram interessantes punições menores, usadas para punir, por exemplo, comerciantes desonestos.

Naquela época, pequenas ofensas eram simplesmente resolvidas em Klatovy de maneira rápida e imediata.

A punição mais comum para pessoas desonestas era a negação pública. Era uma vergonha para um empresário e muito popular entre o público.

Esse comerciante muitas vezes, em desgraça, considerava se deveria continuar com comportamento desonesto, até porque, se continuasse a roubar clientes, era marcado com um sinal, o que não lhe renderia novos clientes.

## FORCA

Como parte das punições, a cidade de Klatovy também aplicava a pena de morte, sempre com publicidade. Todos os habitantes da cidade tinham que saber que se pecassem, seriam punidos.

Assim, a forca da cidade foi construída em um local que podia ser visto de toda a cidade. Em Klatovy, a forca ficava em uma colina, que ainda se chama Šibeniční vrch e fica perto do Hospital Klatovy.

Esse sistema perdurou até que Joseph II, como parte de suas reformas, proibiu o uso da lei do sofrimento, no século 18. Por conta da nova ordem, a entrada da câmara de tortura de Klatovy foi murada e coberta. A sala permaneceu lacrada por quase cem anos. No século 19, foi redescoberta. Graças a isso, os instrumentos e equipamentos de tortura da câmara de tortura, que são propriedade da cidade, foram preservados. Alguns instrumentos de tortura da Torre Negra estão expostos no Museu de História Nacional Dr. Hostaš em Klatovy.

Cabe à sociedade discutir as regras de processo. Falta de apoio técnico do advogado. O limite da interpretação das regras processuais não tinha sido julgado por um juiz. Pugnou por um recurso. Morrer como um cão é ser despido da dignidade humana. Finaliza com a VERGONHA.

Seu olhar incidiu sobre o último andar da casa situada no limite da pedreira. Com uma luz que tremula, as folhas de uma janela abriram-se ali de par em par, uma pessoa que a distância e a altura tornavam fraca e fina inclinou-se de um golpe para a frente e esticou os braços mais para a frente ainda. Quem era? Um amigo? Uma pessoa de bem? Alguém que participava? Alguém que queria ajudar? Era apenas uma? Eram todos? Havia ainda possibilidade de ajuda? Existiam objeções que tinham sido esquecidas? Sem dúvida, estas existiam. A lógica, na verdade, é inabalável, mas ela não resiste a uma pessoa que quer viver. Onde estava o juiz que ele nunca tinha visto? Onde estava o alto tribunal ao qual ele nunca havia chegado? Ergueu as mãos e esticou todos os dedos. Mas na garganta de K. colocavam-se as mãos de um dos senhores, enquanto o outro cravava a faca profundamente no seu coração e a virava duas vezes. Com olhos que se apagavam, K. ainda viu os senhores perto de seu rosto, apoiados um no outro, as faces coladas, observando o momento da decisão. — Como um cão — disse K. Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele.

- As regras que regem o processo não podem, ser monopólio de especialistas, pois devem refletir os valores vigentes na sociedade. A discussão não pode ficar restrita a juristas, tão pouco a políticos, devem ser discutidas por todos, com representação variada de todas as camadas sociais.
- K. não se sentiu devidamente amparado por quem deveria defende-lo, identificando um conflito de interesses.
- Remete ao juiz de instrução que interpretou a fala de K. como uma renúncia ao inquérito. Ele mesmo questiona no capítulo seguinte que " não podia acreditar que tivessem levado ao pé da letra sua renúncia aos inquéritos"

- K. estava pugnando por um processo justo, julgado por um juiz.

Existiam objeções que tinham sido esquecidas? Sem dúvida, estas existiam. A lógica, na verdade, é inabalável, mas ela não resiste a uma pessoa que quer viver. Onde estava o juiz que ele nunca tinha visto? Onde estava o alto tribunal ao qual ele nunca havia chegado?

- A solução dos litígios deve ser realizada por um tribunal constituído segundo as leis e tendo como integrantes juízes que devem realizar as audiências e cumprir com as regras processuais

- Todavia, o processo não pode ter um fim incompatível com a vida; não pode ser mais importante do que o direito;
- As causas de extinção de processo sem julgamento de mérito, de não conhecimento de recurso, em razão de pressupostos, que encerram processos, desamparando os que tinham direitos, os quais não chegam nunca a ser julgados é A TOTAL FALTA DE ACESSO À JUSTIÇA, retratada na parábola Diante da Lei .
- No romance, os pressupostos processuais serviam para encobrir a sistemática da organização, os acusados pagavam para que o processo não andasse, como bem disse Titorelli. O Comerciante também descreveu o sucesso de sua empreitada em conseguir, por mais de 5 anos, arrastar o processo.



- A trama não é labiríntica, mas a descrição e agruras de um acusado que sofreu denúncia caluniosa e não consegue se defender por conta da corrupção do sistema.
- Kafka chama a atenção para o quão devastador é para a vida de um indivíduo essa situação e que ele chega a perder as forças diante da máquina e desiste de lutar, mesmo sabendo que nada fez.









TO DESFI

